

# Análise das notificações com animais peçonhentos realizadas entre 2018 e 2019 no Rio Grande do Sul



PASSOS<sup>1</sup>, Luana L. F.; BANDEIRA<sup>2</sup>, Suelen Alvarez, SOMMER<sup>3</sup>, Jussara A. P.; GALLAS<sup>2</sup>, Moisés; SILVEIRA<sup>3</sup>, Eliane Fraga



<sup>1</sup> Acadêmica Bolsista do PPGProSaúde - ULBRA

<sup>2</sup> Biólogo Graduado - ULBRA

<sup>3</sup> Professora do PPGProSaúde - ULBRA

## Introdução

No Brasil, a notificação dos acidentes por animais peçonhentos ganhou mais atenção somente em 1986, quando passou a ser obrigatória no país devido uma crise na produção de soro (BOCHNER & STRUCHINER, 2002). No Rio Grande do Sul, os dados sobre atendimentos humanos com exposição a animais peçonhentos e venenos estão disponíveis online em relatórios anuais desde 2005 (CIT/RS, 2020). Embora disponíveis, não existem comparações do número de exposições separados por classe de agente, sexo e faixa etária entre os anos de 2018 e 2019.

## Resultados

Em 2019, foram registrados 7.925 atendimentos humanos expostos a diferentes agentes, representando um aumento de 9,9% em relação a 2018 (7.139 atendimentos) (Fig. 1). Quando consideramos o sexo, foram atendidos mais indivíduos do sexo masculino (4.048 e 3.707) do que feminino (3.870 e 3.427) em 2019 e 2018, respectivamente. Em relação a faixa etária, os casos estão concentrados em indivíduos com mais de 19 anos (Figs 2 e 3). A maior parte dos atendimentos ocorreu devido a exposição aos agentes “aranhas”, “insetos” e “lagartas” (Figs 1–3).

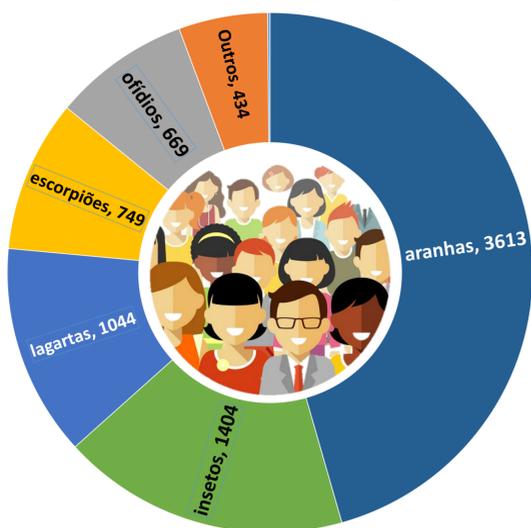


Figura 1. Número de casos de exposição humana a animais peçonhentos em 2018 e 2019 no RS, considerando as sete classes de agentes.

## Considerações parciais

Indivíduos do sexo masculino foram mais atendidos devido a exposição à aranhas, aumentando os casos em 2019. O maior número de casos ocorre em indivíduos com mais de 19 anos. A análise e o acompanhamento dos dados podem reduzir o número de ataques, bem como reforçar medidas de proteção aos expostos.

## Referências bibliográficas

BOCHNER, R. & STRUCHINER, C. J. 2002. Acidentes por animais peçonhentos e sistemas nacionais de informação. Cadernos de Saúde Pública, 18(3): 735-746.  
CIT/RS. Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.cit.rs.gov.br/> Acessado em: 30/09/2020.

## Objetivos

Analisar os dados dos atendimentos relacionados com a exposição a animais peçonhentos em 2018 e 2019 no RS.

Relacionar os dados sobre as classes de agentes e as faixas etárias das exposições ocorridas em 2018 e 2019 no RS.

## Material e Métodos

Os dados foram obtidos através dos relatórios disponíveis online, do Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul (CIT/RS), organizados entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2018 e 2019. Os números analisados representam os dados de exposição a agentes, ou seja, uma pessoa pode ter sido exposta a mais de um agente (aranha e escorpião), sendo este caso considerado como duas exposições. Os agentes envolvidos nas exposições foram divididos em sete classes (animais aquáticos, aranhas, escorpiões, insetos, lagartas, ofídios e outros peçonhentos) assim como aparecem nos relatórios obtidos. Em animais aquáticos estão incluídos, por exemplo, as mães-d'água; em outros peçonhentos estão incluídos lacraias, sapos, etc.).

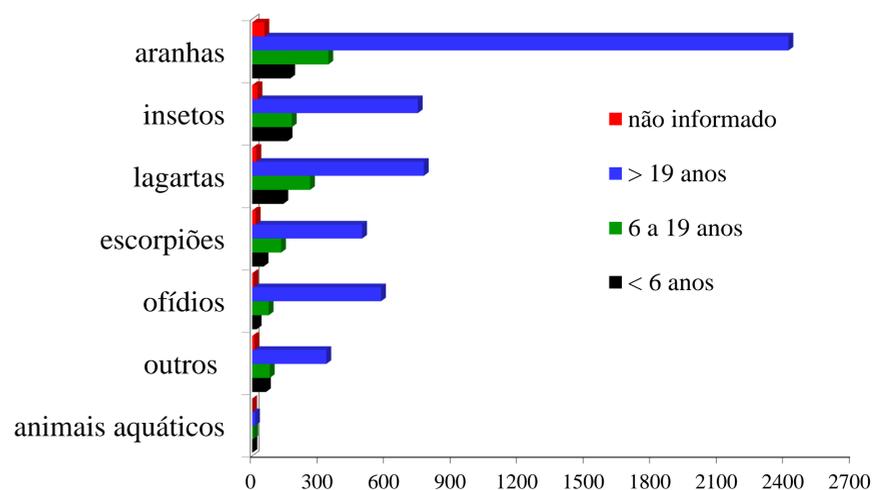


Figura 2. Casos de exposição humana a animais peçonhentos em 2018 no RS de acordo com as faixas etárias.

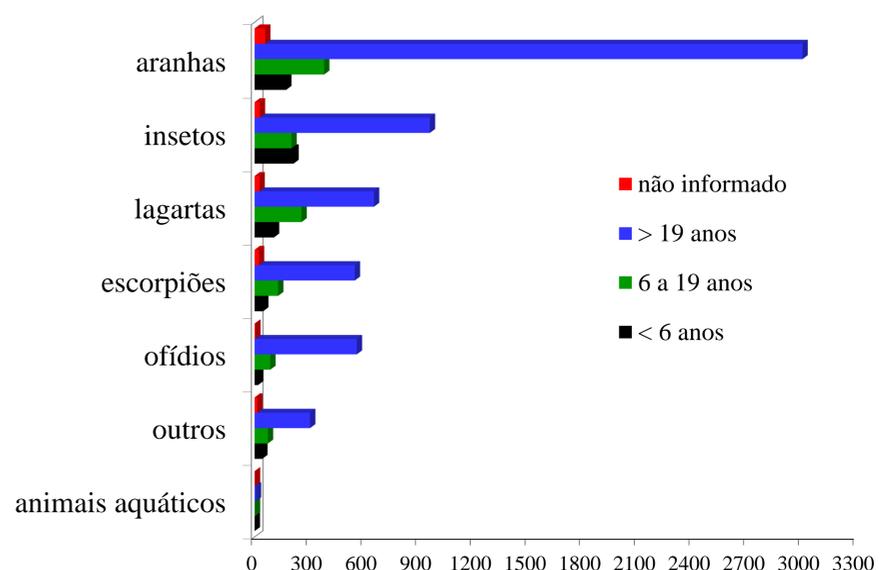


Figura 3. Casos de exposição humana a animais peçonhentos em 2019 no RS considerando as faixas etárias.